

A CIDADE DAS DIANAS

Um dia como outro qualquer, perdido nas dobras do tempo, uma índia Xerente que acompanhava um grupo de caçadores nos contrafortes da Serra Geral desligou-se do grupo, premida pela necessidade fisiológica. Ali, na sua intimidade, uma rocha de estranha beleza logo lhe chamou a atenção. Antes de integrar-se à comitiva, colheu-a e guardou-a. De retorno ao aldeamento, presenteou-a ao querido jesuíta que catequisava sua tribo.

Sem saber, ela havia descoberto uma fabulosa mina de ouro que beneficiaria seu povo.

Anos depois, a “Mina das Tapuias” foi vendida aos garimpeiros que, usando técnicas mais avançadas, extraíram muito ouro e, por conseguinte, atraíram faiscadores, roceiros, tropeiros e criadores de gado ao lugar, pela riqueza da terra, oportunidade de negócios, abundância de água e clima serrano agradável.

Verdade é que com a descoberta da índia lavrara-se a certidão de nascimento do lendário arraial denominado São José do Duro, veneração ao padroeiro do aldeamento de mesmo nome, onde habitava parte da etnia Xerente, distante 12 km de Dianópolis.

São José do Duro se tornara legendário por servir de palco à violenta chacina e sangrenta guerrilha, que banhara de sangue becos e praça de sua urbe, em 1919; e presenciar a morte de um terço de sua população, a agonizar, sedentos e febrentos, a céu aberto, espalhados nos sertões periféricos, fulminada pela terrível varíola de 1926.

Em 1884, o arraial elevava-se à categoria de vila e, em 1938, de cidade, com nome de Dianópolis, homenagem às quatro matriarcas de nomes homônimos, que resistiram heroicamente a todos os reveses por que atravessara a localidade. São elas:

Custodiana Leal Rodrigues, natural de Taipas, nascida em 28 de julho de 1897, filha do então senador estadual Custódio José Leal e Francisca Bandeira Gonçalves. Casou-se com Afonso Rodrigues de Santana, com quem teve 8 filhos. Religiosa, devota da imaculada Conceição, participava dos eventos sociais e políticos da cidade; administradora, professora e educadora, ficou viúva aos 29 anos. Faleceu em 24 de março de 1985, em Dianópolis.

Custodiana Costa Aires, natural de Conceição do Tocantins, nascida em 16 de janeiro de 1902, filha de Casimiro Alves da Silva Costa e Anísia Venutiana Leal. Casou-se com Coquelin Ayres Leal com quem teve 8 filhos. Ela e seu esposo foram professores por muitas gerações; fundaram o Colégio João d’Abreu, posteriormente administrado por freiras espanholas da Congregação das Escravas Concepcionistas do Divino Coração, o qual se tornou referência na região sudeste do Tocantins, com mais de 2.000 alunos estudando em três turnos. Faleceu em 25 de julho de 1995, em Brasília, DF.

Custodiana Wolney Póvoa, natural de São José do Duro, nascida em 21 de setembro de 1902, filha de Abílio Wolney e Josefa Ayres Wolney. Casou-se com Antônio Pinto Póvoa, com quem teve 6 filhos. Foi professora, educadora e ativista

cultural; extremamente religiosa, dava aula de catequese às crianças aos domingos; socorreu e salvou algumas vidas no período da epidemia da varíola. Ficou viúva aos 34 anos. Faleceu em 16 de dezembro de 1970, em Dianópolis.

Custodiana Nepomuceno Wolney Araújo, natural de São José do Duro, nascida em 25 de fevereiro de 1904, filha de Cândido Nepomuceno de Sousa e Josina Wolney Nepomuceno. Casou-se com Aurélio Antônio Araújo com quem teve 8 filhos. Sua genitora morreu queimada, deixando-a órfã aos 5 anos de idade. Nos dias dramáticos da guerrilha e “Chacina dos Nove” ficou asilada dentro de um casarão com 72 mulheres e crianças para se proteger dos soldados embriagados e dos jagunços.

Criou algumas moças além dos filhos. Foi católica fervorosa do Apostolado da Oração; incentivadora da educação gostava de cantar e participar de comemorações de datas festivas; vaidosa, andava sempre bem-vestida, como se fosse a uma festa, dominava a culinária como ninguém, fazia doces, bolos, pães, biscoitos, vela e sabão; era hospitaleira e caridosa. Anualmente, em 5 de outubro, dia de São Francisco de Assis, amante dos animais, fazia um almoço e dava aos cães da cidade. Aos visitantes ou a um novo morador chegando à localidade oferecia um almoço ou mandava uma bandeja de bolos, doces e frutas. Doou um terreno de quase 20.000m² para instalação do Colégio João d’Abreu e outro para seu genro Hagahus Araújo e Silva construir o Instituto Feminino de Dianópolis, hoje sede da Unitins. Enviuvou-se aos 46 anos de idade. No final de sua vida ficou cega, faleceu em 7 de maio de 1979, em Brasília, seus restos mortais foram depois trasladados para o cemitério de Dianópolis.

Dessas mulheres e de tantas outras nasceram filhos que alcançaram os altos escalões político-profissionais, honrando as famílias e elevando o nome da cidade.

Dianópolis, inspiração das mulheres que lhe deram origem e nome, leva consigo, ainda hoje, a tradição de ser a cidade do sudeste do Tocantins, farta de mulheres bonitas, que cantam e tocam violão nas praças e calçadas nas tardes de domingo.

Voltaire Wolney Aires

Escritor, autor do livro História de Dianópolis 1720-2020